

Freud e a educação das crianças pequenas: a especificidade das meninas

Luiza Holmes W. A. Santos¹

Ariana Lucero²

Palavras-chave: Educação. Psicanálise. Feminilidade. Feminismo. Meninas.

Introdução e desenvolvimento

O trabalho em questão tem como objetivo fazer uma articulação entre Freud e Simone de Beauvoir, a fim de colocarmos as perspectivas desses autores em diálogo para pensar a feminilidade. Ao longo da obra de Freud, suas considerações sobre a sexualidade feminina passam, necessariamente, pela constituição do sujeito, logo, pela sexualidade infantil. A relação da psicanálise com a educação neste trabalho, portanto, partiria desse diálogo a respeito da especificidade das meninas pequenas no ambiente escolar.

Freud afirma, em sua “Conferência sobre a feminilidade” (1933), que “é possível enxergar muita coisa nas crianças quando se sabe observar. (...) Considerem quão pouco de seus desejos sexuais uma criança é capaz de levar à expressão pré-consciente ou mesmo comunicar” (FREUD, 2010, p. 275). Ora, de quem partiria esse “olhar” sobre a criança? É sóbrio dizer que o papel dos educadores na infância pode se deparar com esse desafio.

Ao falar sobre a castração, que pode acontecer (normativamente) tanto nas meninas quanto nos meninos, embora de modo diferente, Freud liga esse momento à masturbação infantil como “agente exclusivo da sexualidade infantil”. As pessoas adultas sofreriam, então, pelo “desenvolvimento falho” desta sexualidade, o que, na verdade, constitui apenas um lugar comum, tendo em vista que o “desenvolvimento ideal” é, justamente por ser um ideal, algo impossível de se conquistar.

1. Autora. Mestranda em Psicologia Institucional – UFES

2. Co-autora. Prof^a Dr^a do Programa de pós-graduação em Psicologia Institucional - UFES

Nesse momento do texto, o autor passa tangencialmente sobre essa questão da masturbação da primeira infância, que seria a “que realmente importa”:

Eu quisera ter a oportunidade de mostrar-lhes demoradamente como vem a ser importantes (...) todos os detalhes factuais da masturbação infantil: se ela foi descoberta ou não, como os pais a combateram ou permitiram, se ele mesmo conseguiu suprimi-la. Tudo isso deixa traços permanentes no indivíduo. Mas, por outro lado, estou contente de não precisar fazer isso. Seria uma tarefa difícil, trabalhosa, e vocês terminariam por me embarçar, pois certamente me pediriam conselhos práticos de como pais ou educadores devem lidar com a masturbação das crianças pequenas (FREUD, 2010, P. 283, grifo nosso).

Consideramos essa citação uma importante indicação de como uma associação da psicanálise com a educação de crianças (não meramente com o tratamento de crianças) pode ser uma tarefa complexa, inclusive para os professores que, por ventura, possam se deparar com algo da sexualidade infantil. O próprio Freud, inventor do inconsciente, se exime de orientar de maneira uniforme o modo como os adultos devem conduzir a educação das crianças.

Beauvoir destaca que a ameaça de castração se perpetua no menino porque seu pênis é um apêndice visível de seu corpo, “objeto estranho e, ao mesmo tempo, ele próprio” (BEAUVOIR, 1970, p. 68-69). Na menina, porém, a castração já está posta desde o início. Como, então, explicar que, de um modo geral, as meninas sejam vistas como mais bem-educadas que os meninos? Como é produzida essa docilidade de seus corpos? O que a educação escolar tem a ver com isso e como a psicanálise pode nos ajudar a pensar na criação/invenção de novas direções?

Freud (2010) nos diz que a garota é, via de regra, menos agressiva, teimosa e autossuficiente; que parece sentir mais necessidade que lhe demonstrem carinho, sendo mais dócil e dependente. Ainda que nos diga que essas diferenças entre os sexos não devem receber muita consideração, tendo em vista que podem ser variações individuais, ele formula uma hipótese:

É provável que o fato de ela aprender mais fácil e rapidamente o controle das excreções seja apenas uma consequência dessa docilidade; pois urina e fezes são os primeiros presentes que a criança dá às pessoas que dela cuidam, e o

seu controle, a primeira concessão que se obtém da vida instintual infantil (FREUD, 2010, p.270, grifo nosso).

Freud também comenta que, por vezes, tem “a impressão de que a garota é mais inteligente e vivaz do que o garoto da mesma idade, de que é mais receptiva para com o mundo exterior e, ao mesmo tempo, forma investimento objetais mais fortes” (FREUD, 2010, p. 270). Inclusive, diz que isso se apresenta como uma vantagem no desenvolvimento e que, de todo modo, é evidente que a menina pequena jamais poderá ser vista como intelectualmente atrasada em relação ao menino.

Ou seja, podemos supor que a docilidade atribuída às meninas só seria constituinte do psiquismo feminino na mesma medida em que a cultura o é. É a cultura, a educação que, de certa forma, exerce um controle que induz à menina pequena a uma posição passiva diante do mundo:

Talvez ocorra que na mulher, derivando de seu papel na função sexual, uma preferência pela conduta passiva e metas passivas se estenda em maior ou menor grau na sua vida, conforme se restrinja ou se amplie esse caráter modelar da vida sexual. Mas nisso temos que atentar para não subestimar a influência da organização social, que igualmente empurra a mulher para situações passivas. Tudo isso ainda está pouco esclarecido (FREUD, 2010, p. 268, grifo nosso).

A educação, portanto, tem um grande papel cultural, na medida em que é mais ou menos pautada numa formação de “caráter modelar”. É bem sabido que “a supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas”, que “têm êxito em ligar-se eroticamente à inclinações destrutivas voltadas para dentro” (FREUD, 2010, p.268).

Tudo isso, inevitavelmente, diz respeito a questão que é para educadores lidar com a especificidade das meninas pequenas, considerando que vivemos em uma cultura notadamente patriarcal, ainda que esse aspecto tenha sido colocado em discussão nos últimos tempos e, por conseguinte, novos avanços políticos estejam em processo, devido à luta dos movimentos feministas. A crítica de Simone de Beauvoir à noção de “inveja do pênis”, constituinte do Complexo de Édipo na menina, ainda que desconsidere o fato de tal acontecimento se dar no âmbito do inconsciente (conceito totalmente desconsiderado por Beauvoir), nos faz pensar a respeito da valorização exagerada que a cultura faz do órgão sexual masculino.

Ela diz que “essa excrescência, esse frágil caule de carne só lhe pode inspirar (na menina) indiferença e até repugnância; a inveja da menina resulta de uma valorização prévia da virilidade. Freud a encara como existente quando seria preciso explicá-la” (BEAUVOIR, 1970, p. 69). Então, para Beauvoir (1970), não seria a ausência de pênis que promoveria o complexo, mas o conjunto da situação: a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos, “o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo a confirma na ideia da superioridade masculina” (BEAUVOIR, 1970, p. 70, grifo nosso).

Tal crítica, segundo Léa Silveira (2019, p.106), é de difícil digestão para a psicanálise até os dias de hoje. O centro desta crítica estaria em assumir que a valorização do falo precisaria ser pensada como algo resultante do próprio patriarcado, ou seja, que tal valor seria atribuído mediante um contexto e premissas historicamente situáveis.

Considerações Finais

A questão da educação é, por si mesma, bastante complexa e controversa. De um lado, ela é essencial para alocação do sujeito no laço social e, por outro, recheada de valores e preconceitos, pode vir a ser instrumento de perpetuação de condições sociais que vão a favor de certa ideologia dominante. É, no fundo, o paradoxo da inserção cultural: ao mesmo tempo em que nos torna humanos, a cultura requer que renunciemos a uma série de satisfações.

Uma menina ou um menino já nascem, portanto, num “caldeirão” de significantes simbólicos, formado por crenças, valores morais e tradicionalismos. O desafio dos educadores é, justamente, apresentar esse mundo às crianças, permitir que elas possam lê-lo, ao mesmo tempo em que não restringe as possibilidades de habitá-lo, o que, potencialmente, pode ter um efeito transformador. A psicanálise pode dar uma enorme contribuição para a educação, na medida em que seu potencial transformador está justamente na abertura de sentidos que pode ser feita a partir de um único símbolo. E, muitas vezes, isso só é possível através de um outro olhar, uma outra maneira de tratar da sexualidade, que não é igual para pais e educadores – e essa é uma batalha deveras atual.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. vol. 1: Fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova, 1970.

FREUD, S. “Novas conferência introdutórias à psicanálise” (1933). In. Obras Completas, volume 18 [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

SILVEIRA, Léa. Sexualidade feminina, alienação corporal e destino: Discutindo algumas teses de Freud a partir da crítica de Beauvoir. Ipseitas, v. 5, n. 2, 2019.